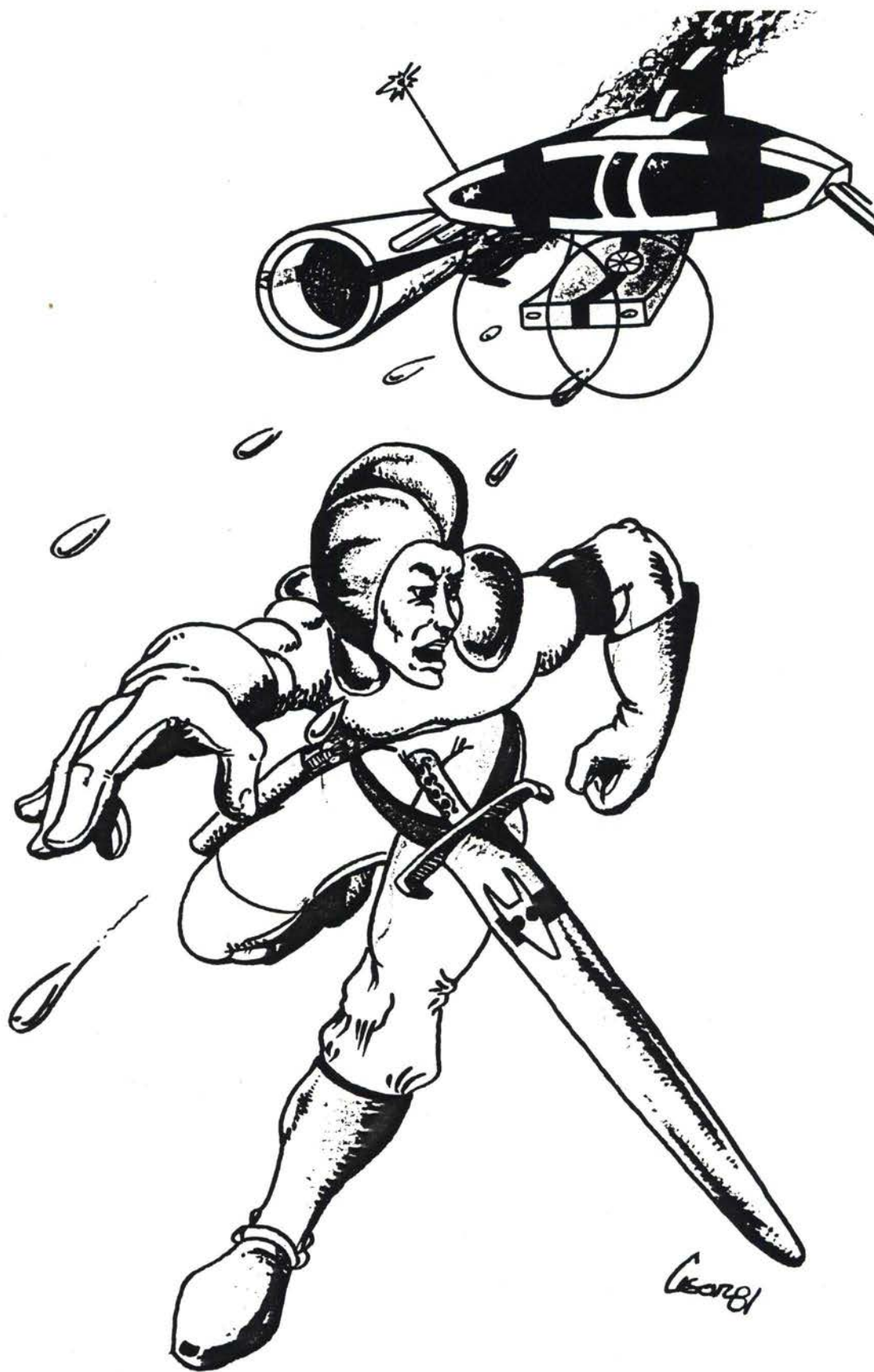


SOMNIUM

BOLETIM DO CLFC

ANO II - Nº 21 - SET. 87



EDITORIAL

Neste número pode-se dizer — não sem alguma razão, que nosso boletim atingiu a maioria; ou está bem próximo disso, quer pelo que já alcançou, quer pelo que tem mostrado à cada edição. Esta, por exemplo, traz mais uma seção que se pretende ser regular: é intitulada "Colecionando", e atenderá velha reivindicação no sentido de se publicarem detalhes sobre coleções de FC antigas; além das seções habituais, e da nova seção, trazemos uma experiência inovadora: a publicação de uma HQ em quatro partes, no período de setembro a dezembro. Esta é uma tentativa de se abrir espaço para bons trabalhos no segmento de quadrinhos, de tal forma que o Somnium seja o mais abrangente possível no gênero. Mas este amadurecimento carrega, em si mesmo, algumas responsabilidades que devem ser divididas entre todos nós. À Editoria cabe a parcela habitual de reunir todos os trabalhos, e transformá-los num boletim mensal; aos colaboradores — vale dizer, aos sócios do CLFC, cabe manter o fluxo de material e, principalmente, o aporte de recursos que permita viabilizar o boletim; a todos e a cada um de nós, cabe participar deste movimento maior em prol da FC nacional. Mais uma vez, contamos com seu entusiasmo.

NOVOS SÓCIOS

Este mês damos as boas-vindas a mais uma associada, mantendo a tradição, raras vezes quebrada desde nossa fundação, de trazer pelo menos um fã, a cada mês, para nosso quadro social. Avançamos, lenta mais seguramente, em direção à nossa meta de 100 sócios até o final desse ano.

(97) Sonia Barbosa Cerui é assistente técnica e educacional. Aprecia temas ligados a paranormalidade, percepção extra-sensorial, sociedades extraterrestres e futuras. Seu autor favorito é Isaac Asimov [Av. Paulista, 2584/22 - 01310 São Paulo, SP]

LANÇAMENTOS

Últimas novidades disponíveis, conforme informações recebidas de livreiros, casas editoras e publicações especializadas:

LIVROS DO BRASIL (COLEÇÃO ARGONAUTA)

358 Quando os Computadores Conquistaram o Mundo

Computer World

A. E. Van Vogt

359 A Estrada da Eternidade

[A] Highway of Eternity

Clifford D. Simak

A editora inova, passando a designar o segundo volume pela letra 'A', ao invés de lhe dar outro número. Questão: precisava ser dividida?

360 Nas Nossas Mãos As Estrelas

In Our Hands, The Stars

Harry Harrison

361 A Luz E As Trevas

Last Darkness Fall

L. Sprague de Camp

GRADIVA (FC-Bolso)

2 O Olho da Rainha

The Eye Of The Queen

Phillip Man

4 Contacto

Contact

Carl Sagan

5 A Pegada (vol. 1)

Footfall

Larry Niven & Jerry Pournelle

A Gradiva surpreende com estes lançamentos. Até então, vinha publicando a Coleção Contacto em formato livro, capa dura, acabamento de primeira. Agora nos traz uma série mista, em formato bolso, na qual aparece Footfall — esperada, em princípio, no formato maior.

Vamos acompanhar o desenrolar da série, que apesar das alterações manteve, até agora, bons títulos como os listados.

INTERNACIONAIS

Material recebido de nossos correspondentes do exterior :

- George Bernard, um advogado da California que jamais publicou fosse o que fosse, con-
seguiu um record ao obter um adiantamento de US\$ 750 mil por sua novela **Promises To
Keep**. Trata-se de uma estória de mundos alternativos, onde um presidente norteameri-
cano é alvejado em Dallas, Texas, em novembro de 1963 ... e sobrevive. O autor tra-
balhou na estória por cinco anos e vendeu-a em apenas dez dias de negociações com cer-
ca de treze das maiores casas editoras de NY. A Warner Books pretende lançar a obra
já em 1988. Para conferir.
- A Universidade da California - Riverside adquiriu a coleção de fanzines pertencente
a Terry Carr, recentemente falecido. Comenta-se que a UC investiu cerca de US\$ 20
mil na coleção, para torná-la a base de uma coleção especializada de maior envergadu-
ra. Vale recordar que a universidade já detem aquela que é considerada a maior cole-
ção de FC no mundo - a J. Lloyd Eaton SF Collection.
- Falando nisso, a J. Lloyd SF Collection recebeu mais US\$ 195 mil este ano para garan-
tir estudos bibliográficos voltados ao gênero.
- Alfred Bester, atualmente com 73 anos, somente poderá aparecer na ConSpiracy via vi-
deotape, gravado em seu leito de hospital onde convalesce de um acidente. Bester é
o convidado de honra daquela convenção, juntamente com Doris Lessing e os irmãos ...
Strugatsky. ConSpiracy é a 45ª Convenção Mundial de FC, e terá lugar em Brighton,
Inglaterra, no período de 27 a 31 de agosto.
- Philip K. Dick continua sendo publicado com muito sucesso mesmo depois de sua morte.
Outra de suas mais importantes novelas será publicada pela Arbor House. Trata-se de
The Broken Bubble Of Thisbee Holt, à qual se seguirá, provavelmente, **Time Out Of ...
Joint**, da qual a Warner tem opção.
- Cinema e FC : Bill Gibson já está trabalhando em **Aliens III**, cujos efeitos especiais
prometem ser incríveis. Comenta-se que a Warrant Officer Ripley poderá não ser, des-
ta vez, a personagem principal. Já Star Trek IV : The Next Generation, parece deci-
dido nesta altura, terá **The Naked Now** como primeiro episódio após o filme-piloto. O
episódio anteriormente anunciado [Blood and Fire] deverá ficar para mais tarde.
- Os amantes do trabalho de Jack Williamson poderão contar, a partir de dezembro, com
uma obra de fôlego sobre o autor. Trata-se de **Jack Williamson - Una Vita Per La ...
Fantascienza**, de Piero Giorgi, e que contem toda obra publicada no período de 1928 a
1986. São 750 páginas, com primorosas ilustrações, e estará disponível por solicita-
ção direta a Editrice Kronos [Via Toniolo 22, 31022 Preganziol (TV), Italia].
- A Universidade do Kansas abrigou, mais uma vez, a cerimônia de entrega do John W.
Campbell Memorial Awards. Este ano a grande vencedora foi Joan Slonczewski, com seu
A Door Into Ocean [Arbor House/Avon]. Em segundo lugar na competição ficou James ..
Morrow (This Is The Way The World Ends), e em terceiro Orson Scott Card (Speaker For
The Dead).

TESOURARIA

Encerrou-se no último dia 30.09 o prazo para pagamento da segunda semestralidade deste
ano. A partir daquela data, os sócios que ainda não recolheram seus encargos sociais,
para o semestre, serão considerados em atraso.

Lembramos que a Diretoria tem dado todas as oportunidades para que todos possam manter
seus encargos em dia. Congelou-se o valor da semestralidade (Cz\$ 613,00), possibilita-
se o parcelamento sem correção, insistiu-se numa conscientização da necessidade de to-
dos darem sua parcela de contribuição ao clube e ao boletim.

Caso não se coloque em dia, o sócio será, lamentavelmente, considerado **inativo** e deixa-
rá de receber o boletim, demais publicações, e outras vantagens e direitos eventualmen-
te colocados à disposição do corpo social.

A Tesouraria está emitindo uma última carta de contato, solicitando que os sócios regu-
larizem sua situação. Colabore voce tambem, recolhendo sua contribuição.

SOMNIUM® é o boletim oficial do CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA-CLFC, publicação mensal distribuída gratuitamente a todos os associados em dia com seus encargos sociais e não possui serviço de assinatura. Aceitam-se colaborações, que ficam sujeitas a apreciação da Editoria. Os trabalhos publicados não fazem juz a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados estão creditados a seus respectivos autores; as demais matérias estão sob responsabilidade da Editoria do boletim.

Somnium nº 21 - setembro de 1987 - Ano 2 Editor : R. C. Nascimento - Tiragem : 120

Í N D I C E

Capa : ilustração de Cesar R. T. Silva

Editorial		1
Novos Sócios		1
Lançamentos		1
Internacionais		2
Tesouraria		2
Cartas dos Sócios		3
. Walter da Silva Machado		
. Fritz Peter Bendinelli		
. Fábio Fernandes da Silva		
. Sérgio Fonseca de Castro		
Contos		
. Náufragos	Walter da Silva Machado	4
. Império Solar	Marcello Simão Branco	5
. Guerra	Elisa Julia Sukys da Rocha	6
Artigos		
. FC Brasileira : Um Ponto de Vista	Gilberto Schoereder	6
. Metralhadora Giratória	Fábio Fernandes	7
. Branca de Neve : Uma Revisão	Norbert Franz Novotny	9
Crônicas do André		
. Ficção Científica na Vida Real	André Carneiro	11
A Tradução Analisada		
. As Canções da Terra Distante	Fábio Fernandes	13
Pockets em Revista	Sérgio Fonseca de Castro	
. The Tides of Time	José dos Santos Fernandes	13
Colecionando	Ruby F. Medeiros	
. A Coleção Asteróide	Caio Luiz C. Sampaio	14
1987 Hugo Awards		16
Quadrinhos		
. O Batedor (1)	Cesar R. T. Silva	17

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, SP aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob nº 79.416/86.

Sua Diretoria, para o biênio 86/87, está composta pelos sócios R.C.Nascimento [Presidente], Ivan Carlos Regina [Secretário Executivo] e Carlos Roberto Dotal [Tesoureiro]. Compoem ainda a administração os sócios Laerte Francisco Lemmi [Diretor Auxiliar de Eventos] e José dos Santos Fernandes [Representante Oficial no Rio de Janeiro].

Toda correspondência para o CLFC e para a Editoria do Somnium deve ser endereçada para
 Caixa Postal 2209 - Ag. Central
 01051 São Paulo, SP

A Editoria agradece a todos os sócios que colaboraram com esse número do boletim.

CARTAS DOS SÓCIOS

WALTER (5) : conforme combinado anteriormente, encaminho agora o conto "Náufragos" que foi adaptado e resumido com o título de "Seleção e Recrutamento", para poder participar de um concurso. O resultado do concurso saiu e eu tenho a alegria de informá-lo que ele foi publicado no começo de setembro, no livro "RH-Relatos e Histórias", que é o livro de contos do Concurso Manpower. "Seleção e Recrutamento" teve seu título modificado pelos editores para "A Cor do Sangue", e dentre os 687 trabalhos enviados para o concurso, foi um dos cinquenta selecionados para publicação na categoria "ficção". Deixo de enviar o conto "A Cor do Sangue" porque, por uma lamentável falha, um parágrafo deixou de ser publicado, modificando assim o conteúdo e o entendimento do conto. Já estou providenciando correspondência para os editores, reclamando e solicitando providências cabíveis no caso. Seja como for, você está recebendo agora o conto que foi originalmente escrito, para ser publicado no Somnium. Espero que ele, mesmo com esse pequeno atraso, possa ser apreciado e criticado pelos demais companheiros desse nosso querido clube. Grato, mais uma vez, pela acolhida.

Este Editor sente-se, antes de mais nada, imensamente honrado em ter, pela primeira vez em suas páginas, um conto premiado. Mais, enormemente gratificado por ser esse conto de autoria de um de nossos sócios. Mais ainda, por poder apresentar aos leitores, na íntegra, tal trabalho. Estamos certos de que sua caixa de correspondência será pequena para receber o enorme volume de congratulações que certamente receberá. Finalmente alguém mais está publicando FC nessa terra. Que continue. Parabéns, Walter.

FRITZ (7) : caro amigo, sr. editor, ilmo. chefe da tribo (ã escolha : temos mais em estoque, como mutante, embaixador extragalático, etc) : o que vai adiante pode ser publicado. Prefiro, no entanto, dirigir-me ao amigo, em primeira instância, que sempre reputei ter bom senso o suficiente para saber o que tornar público. Afinal, é por sua conta e risco ... Enquanto não concluo a série, em capítulos, sobre astronomia, ou cosmogonia, para a planejada coluna de ciência, se ainda houver então interesse, vou mandando outro material, só para preencher vazios. É o que chamaria de "produto de inspiração colateral", resultado, inclusive, de reuniões do CLFC. Sabe como é; uma frase aqui, outra acolá, de repente um pensamento : "isso até que dá uma história". Dai ... claro que é apenas "FC de fundo de quintal" ou "homemade fiction"; mas faz-se o possível. Sobre a "Estação Orbital" do SESC-Pompéia, acho que atingiu pelo menos um objetivo : divulgação. Isto pode tirar a FC do marasmo em que atola. Veremos.

Caro amigo, sr. escritor, ilmo. membro da tribo (temos mais em estoque ...) : se eu tivesse um mínimo de bom senso ... bem, acho que não seria editor de fanzine. Contudo é sempre motivo de revisão daquela tentação, a chegada de notícias como a que nos foi dada pelo Walter; o recebimento de trabalhos tão interessantes como os que temos publicado, etc. É claro que a coluna de ciência ainda é [muito] aguardada. Agora que você está publicamente comprometido com ela (he! he! he!), trate de torná-la realidade. FC de fundo de quintal ? Não sabemos o que ser isso. Concordamos com sua avaliação quanto a mostra : pelo menos, isso.

FABIO (85) : venho a público para desfazer um terrível mal-entendido. Ainda ontem, dia 19 de setembro, folheando o boletim do mês de agosto, dei com os olhos num conto chamado "Terra ... Adorada Terra ...", ou coisa parecida, de minha autoria. Ou era o que estava no boletim. Pois muito bem : o conto não é meu. Espantado, conferi imediatamente a lista de sócios, só para descobrir o que eu já sabia : não existe nenhum outro Fábio Fernandes da Silva no CLFC. Portanto, trata-se de um engano lamentável da parte da editoria do Somnium. Engano esse que, acredito, deve ter feito ferver — e muito justificadamente, diga-se de passagem — o sangue do verdadeiro autor. Peço, por gentileza, que na próxima edição publiquem uma errata, creditando o conto ao seu autor de direito e limpando assim meu nome, que eu de plagiador não tenho nada. Peço até desculpas ao autor, se por acaso esse engano o fez pensar algo a meu respeito. Mas acho mesmo que o fundamental era que a editoria se explicasse e evitasse novos enganos dessa natureza.

Mãe culpa, mãe culpa, mãe máxima culpa ! Já nos desculpamos pessoalmente junto ao autor de "Terra ... Perdida Terra", nosso sócio Marcello Simão Branco, e aproveitamos para nos desculpamos publicamente, a ele e a você, Fábio, pelo lamentável engano. Certamente não é uma desculpa, mas a explicação requerida pelo ocorrido : os originais vi-

ram manuscritos e sem identificação de autor. Assim, a Editoria enganou-se lamentavelmente de autor, baseando-se no talhe da letra que, no caso, é bastante semelhante. Mas aprendeu-se a lição. Doravante, trabalhos não assinados serão arquivados. Aproveitemos para solicitar que os trabalhos sejam, na medida do possível, apresentados datilografados.

SERGIO (62) : escrevo esta carta aos leitores do *Somnium* na qualidade de co-autor da seção "Pockets em Revista", que falhou em mostrar-se na edição de julho de nosso boletim. Não se trata de justificar o injustificável, mas apenas pedir aos leitores que tentem perdoar este co-autor, único responsável pela falha, já que o artigo em questão (no caso *The Tides of Time*, de John Brunner) foi aprontado a tempo para publicação. No entanto, uma série de problemas pessoais impediram este incompetente co-autor de remeter o artigo. Uma seção permanente envolve uma grande responsabilidade por parte de seus autores e do editor, e os autores devem fazer jūz ao que se espera deles por parte dos leitores. Providências foram tomadas para evitar o desastre, por meio de acumulação de artigos no arquivo de nosso mui estimado editor. Principalmente, porque este co-autor já não tem mais idade para se alistar na Legião do Espaço (Jack Williamson, perdoe-me), e nem tem o desejo de ser desintegrado pelos pensamentos de censura dos leitores. Porém acutelai-vos leitores, novo material desta dupla não tão dinâmica (perdoe-me Bob Kane) os aguarda na curva da estrada. Saudações a todos.

Nemo me impune lacessit ! (perdoe-me Santo Agostinho); o que vale dizer : afinal, não se puna tão severamente por meio de uma auto-crítica tão exacerbada. Se alguém - e .. não cremos que aconteceu, devesse fazer algum reparo, o faria apenas pelo desejo de ter tido a oportunidade de saborear comentários tão interessantes sobre os pockets. In competência, definitivamente, não se enquadra no caso.

CONTOS

NÁUFRAGOS

Walter da Silva Machado

Fazia pouco tempo que eu havia chegado e por isso, não havia visto nem conhecia muita coisa.

Ainda me sentia deslocado e só, pois sabia que a vida era dura naquela parte de Nova York. Mesmo assim tinha que ir em frente pois não tinha muito tempo.

Estava escuro e por isso não os vi e quando isso aconteceu eu já estava cercado e sem a menor chance de sequer tentar escapar.

A atitude deles era suspeita lá no fundo escuro daquele beco pelo qual eu passei mas, a verdade é que eu nem sequer os vi a não ser quando já era tarde demais.

Notei a forma difusa no fundo do beco algo assim parecido com um veículo, mas eu estava com tanto medo que nem pude reparar direito no que era aquilo.

Eram cinco, todos maiores e bem mais fortes do que eu.

A luz deles atingiu meus olhos e por isso eu não podia vê-los direito. Nada disseram, simplesmente me atacaram de imediato.

Lutei o quanto pude e corri para uma parte mais iluminada da rua, esperando que alguém me ajudasse; mas fui novamente cercado.

Minhas mãos estavam sujas e pegajosas com algo que eu ainda não sabia o que era.

E foi só quando eu, tendo ficado em baixo de uma fonte de luz, vi que tinha nas mãos o sangue verde de um deles.

Eu sabia que ia ser morto por causa dessa descoberta. Meu medo de morrer era muito grande, minhas pernas tremiam e eu estava ofegante depois de lutar muito e correr.

Eu sabia que precisava fazer alguma coisa pois do contrário eles me matariam, por isso, pensando rápido, de imediato descobri que só havia um meio de escapar.

Quebrei na parede a garrafa que me derrubara quando eu tentava fugir deles e com ela cortei meu pulso esquerdo deixando que eles vissem meu sangue correr.

E eles estupefatos, olhavam para o meu sangue que não era vermelho ... e nem verde.

IMPÉRIO SOLAR

Marcello Simão Branco

Vieram de muito longe, de Aldebaran, devido a uma catástrofe natural que destruiu boa parte de Aldebaran-IV. Possuíam características humanóides e estabeleceram-se no sistema solar, um dos poucos em que eles não tinham encontrado uma raça avançada tecnologicamente. Residiram em Marte, respeitando assim a independência terrestre que eles sonhavam com o que os terrestres chamavam de "discos voadores".

Viviam no subterrâneo de Marte, e lá prosperaram e desenvolveram uma avançada sociedade. Quando os terrestres lançaram-se ao espaço e desenvolveram a energia nuclear os marcianos de origem extra-solar começaram a agir de maneira mais cautelosa, a sua investida em colonizar a longo prazo todo o sistema solar.

De qualquer forma assim o fizeram, colonizando Ceres, Vesta, Calisto, Ganimedes, Europa, Io, Titã, Japeto, Febe, Nereida, Ariel e Mercúrio. Não pretendiam interferir com a Terra. Mas no começo do séc. XXI, um fato marcante os fizeram mudar de atitude: a Terra estava na iminência de uma guerra nuclear, a situação estava insuportável e temendo os efeitos para eles próprios, agiram e anexaram a Lua (que os terrestres já habitavam) e a Terra ao que eles denominaram Império Solar. Mas os terrestres nos primeiros cinquenta anos por duas vezes quase se libertaram, dando muito trabalho, sanado com sabedoria por fim, quando resignados os terrestres passaram a colaborar com o progresso do Império. Império que com a vastíssima mão-de-obra terrestre cresceu imensamente, sempre com a maioria dos seres oriundos da Terra.

Exatamente devido a sua maioria populacional e sua natural inteligência (que os psicólogos extra-solares classificaram como uma das maiores da Via-Láctea) os terrestres foram através de dois séculos ganhando espaços cada vez mais significativos dentro das lideranças imperiais: controlavam Mercúrio, Ceres e Calisto e pouco a pouco persuadiam os marcianos extra-solares, que não percebiam que uma revolução estava para acontecer.

Revolução que aconteceu de maneira que nem os marcianos e terrestres perceberam, pois quando deram por si, os terrestres deixavam de ser servos passando a ser senhores dos seres oriundos de Aldebaran.

Quando um terrestre subiu ao posto de Presidente do Conselho Solar (cargo máximo do Império), a situação marciana complicou-se: Mercali, a capital do Império localizada em Marte perdeu sua condição para Atlas no hemisfério sul da Terra.

Verificava-se assim a lenta mas irremediável decadência do povo de Aldebaran e a ascensão fulgurante da Terra no cenário da galáxia. O Império Solar começou a ser comentado pelos Impérios de Alfa-Centauri, Vega, Sírius, Prócion, Arcturus, Antares, Altair e Deneb que formavam a União dos Impérios Estelares. Por fim o Império Solar entrou na UIE e seus avanços científicos, culturais e sociais cresceram sem precedentes.

Com o povo de Aldebaran acabou ocorrendo o mesmo declínio de Capella, Canopus, Rigel e Betelgeuse. Seus seres tornaram-se livres para morarem onde bem entendessem pelo Cosmo, mas com a restrição de não exercerem cargos diretivos e administrativos da UIE.

Com inteligência os terrestres dominaram a raça que outrora os possuía e lhes tinha salvo da aniquilação nuclear, tornando-se uma das forças da galáxia.

Marcello Simão Branco é um jovem entusiasta da FC e, em particular, do nosso boletim, para o qual tem enviado uma série de colaborações em vários segmentos: contos, artigos, testes e correspondência debatendo os assuntos aqui colocados. Sem dúvida um colaborador que terá ainda muito com que contribuir para que esta nossa publicação continue crescendo. Estudante universitário, Marcello juntou-se a nós em maio deste ano e logo partiu para uma ativa participação que nos deve estimular a todos.

GUERRA

Elisa Julia Sukys da Rocha

Prioridade máxima. É a única coisa que escuto o Comandante da frota estelar do planeta Taurus repetir na última meia-hora. Será que ele não entende que se não der uma boa razão não posso deixar que aterrise aqui em Scorpion antes de todas as outras naves que estão à espera da mesma permissão ?

De todas as desculpas que já ouvi para que liberasse um pouso aqui, nos últimos anos, essa foi a mais absurda. Quem pode exigir prioridade máxima justamente no planeta que abriga Solaris, o PERPÉTUO ???

Foi um alívio para um Universo em guerra quando o Supremo (gosto de pensar em Solaris assim, embora ele não goste de títulos) chegou até nós. Eu mesmo era comandante da frota de Scorpion e provavelmente teria morrido se ele não tivesse simplesmente desintegrado todas as armas existentes. E desde então ele mora aqui, nunca precisou de palavras para entrar em contato conosco. Ninguém nunca ousou enfrentá-lo e sempre há procissões de naves repletas de seres dos mais diferentes planetas querendo só estar em Scorpion, respirar o mesmo ar que o Supremo.

É lógico que nenhum desses visitantes são tolos. Desde que ele veio até nós, não existiu mais envelhecimento e isso já faz mais do que um milênio. Eu mesmo estacionei nos meus 35 anos e nunca mais envelheci um dia.

Mas, para não ficar com a consciência pesada, vou passar o pedido à Solaris (sempre deixo que ele decida, não me importo com aqueles que ainda não aceitaram os benefícios dele, alegando que ele está exterminando nossa força de vontade. Pura bobagem, não sei porque Solaris os tolera).

Realmente, um dia de surpresas. O pedido foi aceito e devo dar prioridade à nave de Taurus ...

Mas, quem será esse ser que desceu da nave ? Não se parece com nenhuma raça que conheço. Ei, ele parece com ... SOLARIS ! É idêntico. Como pode ser ???

Não posso aceitar, mas o único jeito seria deixar o canal aberto e escutar a conversa nos aposentos do Supremo. Não devo ... mas vou ! Agora ...

"Ainda bem que chegou em tempo, quase não estava mais aguentando, Comandante. Esse atraso em trazer meu substituto foi além do combinado e eu já não ..."

- Você, ajude-me a erguer esse Solaris aqui, mais um pouco e não daria tempo. Ele parou ... precisamos tomar mais cuidado, tivemos que descer sem disfarçar o substituto e agora vai ficar difícil levar este, talvez tenhamos que destruí-lo. Ninguém pode saber que o tão cultuado Solaris não passa de um robô criado por nossos cientistas, que possui uma radiação que afeta qualquer arma criada até o armistício. Tolos, com tanta guerra, nunca perceberam que são imortais, que não envelhecem após uma certa idade e que nunca morrerão a não ser que seja de maneira artificial. O único jeito de pará-los foi criando um mito, assim não procurariam criar novas armas para deter o robô, mas agora pensam que foi Solaris que os salvou da morte, imortalizando-os. Mas melhor assim, que temos paz ..."

Enganados. Fomos enganados por centenas de anos. Por um milênio ... mas isso não fica assim, eu gravei tudo e logo todos saberão dessa farsa. Aí atacaremos Taurus e destruiremos tudo, eles, Solaris e essa paz chata, monótona. GUERRA AOS EMBUSTEIROS, GUERRA À ESSE FALSO SOLARIS, GUERRA À PAZ ...

(Irã o ser humano guerrear também contra quem lhe trouxe a paz ?)

ARTIGOS

FC BRASILEIRA : UM PONTO DE VISTA

Gilberto Schoereder

Com relação ao Artigo "FC BRASILEIRA POR UM NORTE-AMERICANO", de Roberto de Sousa Causo. (Somnium nº 18, junho 87)

Creio que Roberto de Sousa Causo tem razão ao criticar a falta de iniciativa de autores brasileiros em realizarem boa ficção científica sobre o país, enquanto um autor americano consegue fazê-lo muito bem (segundo sua visão; não li a história citada) mas, como tudo o mais no Brasil, a questão não deve ser encarada apenas de um ponto de vista.

A falta de criatividade pode ser um fator importante. Isso pode ser verificado no cinema, com o filme "Floresta de Esmeraldas" (1985) do diretor inglês John Boorman, o mesmo de "Zardoz", "Excalibur" e outros, que apresenta uma visão mágica da Amazônia e dos índios brasileiros muitíssimo mais interessante do que qualquer uma já realizada por diretores brasileiro. Boorman não regionaliza as questões que propõe, mas as universaliza. Um exemplo recente, na literatura, foi o pavoroso e irritante "A Porta de Chifre", de Herberto Sales (1986) situado na Amazônia, ou no que chama de Deserto Amazônico, com uma proposta ecológica mas tão repleta de clichês que jamais chega nem perto de seu objetivo.

O constrangedor não me parece ser o fato de um norte-americano tomar a iniciativa deste expediente, segundo palavras do Causo. O constrangedor é que tão poucos escritores brasileiro que queiram escrever ficção científica o possam fazê-lo. O único que tem escrito regularmente, e muito bem, é Jorge Luiz Calife. Não creio que seja o único capaz. Causo pergunta sobre os escritores e valores surgidos nos anos sessenta, e eu creio que seria uma boa oportunidade para que um dos maiores e mais importantes escritores de FC do Brasil se pronunciasse. Refiro-me ao Sr. André Carneiro, cujos livros dificilmente conseguimos encontrar, por mais que tentemos. Não sei qual será o posicionamento do Sr. André Carneiro, mas eu, como pretendo escritor, com alguns livros na gaveta sem conseguir encontrar editor (apesar de nem tudo ser FC) imagino como é fácil a paciência de uma pessoa esgotar-se. E deve ser levado em consideração que poucos escritores conseguem viver do seu trabalho, no Brasil. E escritores de FC creio ser ainda mais difícil, pelos motivos que todos já conhecem e que tentamos modificar com atitudes como a criação de núcleos de interessados: a divulgação dos livros do gênero é péssima, a visão crítica da FC é, geralmente, falha, por ignorância, má vontade ou pura arrogância, e como consequência disso tudo o público leitor é pequeno, e editar livros é business como tudo mais. É claro que esta é uma discussão que iria muito longe, porque ninguém pode imaginar que um livro de FC, "qualquer um", não iria vender 100 mil exemplares se recebesse a devida promoção, por exemplo, pela Abril Cultural. Se a editora consegue vender, nas bancas de jornais, 100 mil ou mais exemplares de Kafka, por exemplo, num país em que ninguém lê coisa alguma, o que dizer da FC. Vende, mas tem que se mudar a forma de encara-la, o que já é mais difícil.

E se escritores estrangeiros de FC são difíceis de vender no Brasil, o que dizer dos brasileiros, que não tem, a nível popular, a mesma força, a mesma tradição? E no entanto, um escritor como Stephen King, escrevendo terror de primeira qualidade, vende bem por aqui. E Frank de Felitta. É claro que não são os milhões de exemplares que vende nos EUA, mas ninguém vende milhões de exemplares no Brasil, e nem vai vender enquanto não se modificar a situação dos leitores.

Todos gostaríamos, eu creio, que Fausto Cunha nos brindasse com mais um livro excepcional, como seu último, de 1980, "O Dia da Nuvem", aliás muito bem recebido pela crítica. E de ter notícias de Clovis Garcia, Nilson Martello, Rubens Teixeira Scavone, de ver reeditados os trabalhos "perdidos" de André Carneiro, e que houvesse pelo menos uma editora realmente preocupada em editar livros do gênero. Mas a não publicação de FC brasileira não se deve, acredito, a falta de atividade e de exercício constante. Isso ajuda, é claro, mas não é tudo.

METRALHADORA GIRATÓRIA

Fábio Fernandes

Primeira Rajada :

Eu levanto a mão.

Respondo aqui ao desafio lançado pelo amigo Novotny, no seu artigo do número 15. Embora com um tanto de atraso, espero ainda poder colaborar para manter uma movimentação

cerebral constante neste boletim, começando pelo artigo do Novotny, que, aliás, pelo título se explica : é uma visão pessoal, não um postulado, lei rígida que deve ser seguida por todos, sem questionamento. E eu resolvi questionar.

Novotny é bastante coerente enquanto evita os radicalismos e aceita uma mistura constante nos três gêneros (a saber : FC, Fantasia e Horror) por ele abordados, enquanto cinema (o que de jeito nenhum exclui a literatura dessa possibilidade). Mas não mantém a coerência em todos os exemplos. É um tanto duvidoso, por exemplo, afirmar que um simples comentário de Marilyn Monroe a respeito de um filme de FC-Horror (alô, Novotny, classifiquei corretamente ?) faça de "O Pecado Mora ao Lado" uma película que contenha alguma coisa de FC. Isso não interfere em nenhum momento na trama ou na estrutura narrativa, como nada do que La Monroe dissesse num filme tinha muita importância.

A questão da tecnologia enquanto fator de classificação da FC é bastante coerente e aceitável, e o exemplo de Highlander enquanto filme de fantasia é feliz. O que não acontece, infelizmente, no caso de "Branca de Neve". Para começar, Novotny, desculpe a correção, mas, como tradutor, preocupado com o vernáculo, observo que o termo suspensão animada não é correto, devendo ser substituído por animação suspensa. Ademais, não creio que um veneno que provoca a suspensão das funções vitais da mocinha e tem como único antídoto um beijo do amado possa ser considerado FC. A visão de "uma garota linda em perigo, num sarcófago de vidro, em suspensão animada", pode ser belíssima estética e artisticamente, mas, sem dúvida, os quadros de Bosch e de William Blake, a que esse tipo de visão nos costuma remeter, se é que devem ter um rótulo, merecem bem mais o de Fantasia, pelo próprio aspecto irreal, onírico, que envolve a visão. Isso contradiz frontalmente o que Novotny diz em relação à tecnologia na FC. Nesse aspecto, desculpe, Novotny, mas não concordo.

Segunda Rajada :

Fantástico.

Por mim, parava na frase de cima, mas acho que devo explicações aos leitores.

O que é fantástico ? Os artigos gêmeos do amigo Laerte (Da Possibilidade e Da Impossibilidade de se Viajar no Tempo). Não estou puxando o saco dele (sequer o conheço pessoalmente), mas ele foi realmente feliz na sua exposição dos temas.

Primeiro, a jogada da diagramação, que deu um pequeno espaço entre os dois artigos, para não cansar o leitor; depois, os textos são simétricos, quase gêmeos, em sua exposição. E, é claro, a profunda coerência dos dois textos, que de forma nenhuma se contradizem. É como a filosofia oriental, com a qual a Física ocidental concorda nesse ponto : uma coisa pode ser e não ser, ao mesmo tempo. Principalmente quando se trata de uma especulação, algo que ainda não se provou.

Um exemplo para clarear as idéias (sou muito prolixo) : quem conhece um pouco de Física sabe que, desde os tempos de Newton, a teoria da luz está dividida a aceitação da natureza corpuscular e a ondulatória. Embora atualmente se dê mais crédito à segunda, a outra não foi inteiramente descartada. Por que ? Porque as experiências de Newton concluíram que tanto a natureza corpuscular quanto a ondulatória explicavam o comportamento da luz. Os postulados que o Laerte apresenta em seus artigos são interessantes, deliciosos de ler e profundamente instigantes, enquanto ainda irrefutáveis. Por enquanto, espero. Mas espero bem servido, com artigos como esse do Laerte.

Terceira Rajada :

Só para comentar o artigo dos Elfos (Somnium 16) : É tão bem feito que não lhe falta quase nada; só gostaria de acrescentar uns pontos que me intrigam muito, enquanto defensor das artes e da literatura, assim como da linguagem :

- 1) As artes e a literatura (que não deixa de ser arte) requerem linguagens específicas, veiculadas através de um código, composto por signos verbais ou não verbais. É bem certo que grande parte do que compõe a chamada obra de arte não depende do que se pode chamar de inteligência, mas do instinto, sob a forma da inspiração, que - e isso também é discutível - provavelmente está ligada a toda uma memória emotiva, do indivíduo e do coletivo. Mas, para uma ordenação lógica, que atinja a quem vê a arte, que a torne inteligível ou ao menos compreensível, seria preciso mais do que simplesmente instinto. Ou por acaso Leonardo Da Vinci, Goethe, Shakespeare, entre

outros muitos, não eram inteligentes? E será que a arte que eles faziam estava a tal ponto desvinculada de suas inteligências, que não podia ser considerada como manifestação da mesma?

- 2) A própria questão da linguagem é muito controvertida. Para manifestar sua inteligência, você terá que usar uma linguagem, física, verbal ou de natureza puramente mental. Mas atualmente não se pode, não se consegue conceber a manifestação da inteligência sem ferramentas como a linguagem. Como se vê, elas estão profundamente ligadas uma a outra.
 - 3) Só uma coisinha: quanto à questão da evolução, o item está mal explicado: Ele nega a evolução física em relação à inteligência e dá o exemplo de um ser extra-corpóreo que teria tido uma evolução "apenas mental". Apenas? E o que é uma evolução mental senão o desenvolvimento de padrões de pensamento numa estrutura contínua de tempo? O surgimento da inteligência seria assim uma das fases do processo. Ou não? O que é a inteligência?
- Cartas para a redação.

BRANCA DE NEVE : UMA REVISÃO

Norbert Franz Novotny

Pode parecer uma contradição, quando escrevi que a "Branca de Neve" como elemento de FC, mas não era isso que eu queria dizer. Minha intenção era ... bem, posso ter escrito erradamente, mas a minha intenção era dizer que:

Se eu digo que BRANCA DE NEVE está no meu arquivo de FC, é porque este meu arquivo, é básico em meus arquivos de FC, HORROR e FANTASIA.

Quando eu disse que essa estória infantil está no meu arquivo de FC é porque eu quis dizer que:

- 1.1 - Primeiro Campo : FICÇÃO CIENTÍFICA
- 1.2 - Segundo Campo : FANTASIA
- 1.3 - Terceiro Campo : HORROR

Esses 3 campos, em meus arquivos, NÃO ESTÃO na ordem alfabética, então:

- 1.1.1 - FICÇÃO CIENTÍFICA ? Branca de Neve ? = INEXISTE
- 1.2.1 - FANTASIA ? Branca de Neve ? = EXISTE
- 1.3.1 - HORROR ? Branca de Neve ? = EXISTE

Resumindo os fatos:

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES, é um filme de FANTASIA, em forma de DESENHO ANIMADO, que EXISTE no campo de FC, FANTASIA e HORROR, porque CONTÉM questões pertinentes a FC, FANTASIA e HORROR.

Entrando nos pormenores:

Sim, BRANCA DE NEVE tem um elemento de FC que se distingue no momento em a HEROÍNA é vitimada pela VILÃ, que se transforma em BRUXA por um processo de MUTAÇÃO ao ingerir (via oral) um composto químico, o qual funciona aqui, mais como ALQUIMIA do que QUÍMICA, assim o processo PODE ser encarado também como MÁGICO e não de MUTAÇÃO.

O 2º elemento é quando a HEROÍNA entra em estado de suspensão animada, o qual também pode ser encarado como estado catatônico ou coma.

O 3º elemento é quando a HEROÍNA é colocada em um caixão, altar ou cama de cristal, para que, exposta ou não, seja interrompido o seu estado, pelo beijo do HERÓI.

Bem, é mais ou menos isso que eu tenho nos meus arquivos, os quais estou passando do meu MSX EXPERT, para um SCOPUS, NEXUS 2600. (Estou falando em MICROS).

Agora, o interessante que NINGUÉM me falou nada com respeito a "O MONSTRO DA LAGOA NEGRA" que eu mencionei também... será que ninguém parou para pensar que este filme poderia ser apenas um filme de FANTASIA ou HORROR? Isso, meus amiguinhos, vou deixar para vocês matutarem (he!he!he!)

E se me perguntarem, por que eu tenho em meus arquivos de FC um filme chamado "HORAS NUAS", eu vou explicar aqui: O filme é um simples romance, que fez furor na época, porque apresentou, isso na década de 60 (se não me engano), uma cena em que um casal sai das águas do mar à noite, completamente nus, de costas, e que corre para se "esconder" perto do carro em que vieram. Seria apenas mais um filme com o casal romântico aparecendo nu, não fosse o fato de a estrela ser ROSSANA PODESTA, um tipo de estrela de cinema, que na época despertava paixões como Brigitte Bardot. Mas o que o coloca entre meus filmes de FC é que PELA 1ª VEZ na HISTÓRIA do cinema, um sujeito é apresentado com a PROFISSÃO de ASTROFÍSICO... e em outro momento do filme, o casal comenta uma parede pintada de branco e o que aconteceria aos seres humanos, se detonasse ali nas imediações uma BOMBA-A. É comentado que sobrariam apenas "sombras" deles ali, projetados contra a parede branca (se ela aguentasse de pé).

Por isso HORAS NUAS está no meu arquivo de FC, NÃO porque as questões acima sejam FC. Na verdade são coisas bastante realistas, hoje em dia... O que eu classifico de FC é o simples fato dessas questões ASTROFÍSICA, BOMBAS-A e SOMBRAS das mesmas, serem ELE-MENTOS BÁSICOS para qualquer trabalho de FC quer seja em livros ou cinema (subentendendo-se aí as variantes: artigos, ensaios, peças de teatro, vídeo ou holografia).

Assim, quero me desculpar aqui em público, se não me expressei corretamente em minha colocação de BRANCA DE NEVE.

Sim, eu "joguei lenha no fogo", mas creio que me fiz bem claro na minha numeração de questões. Isso creio, deixa o assunto fechado e lacrado: BRANCA DE NEVE é um filme de FANTASIA que CONTÉM questões de FC e HORROR. Não falei do HORROR? Bem, procure se lembrar, quando você assistiu o filme (desenho animado) na sua infância ou juventude, pela 1ª vez... quando a Rainha Mãe descobre pelo espelho que há alguém mais bela do que ela... ou quando ela mesma, já como bruxa aparece pela 1ª vez com aquele olho esbugalhado no seu "laboratório", ou quando ela caminha entre as árvores, ou quando BRANCA corre por entre as árvores (que será que aquelas árvores monstruosas poderiam fazer com a BRANQUINHA? ...) ou ainda no final, quando a bruxa, tenta mover aquela pedra gigantesca, para "amassar" os anões e todos aqueles bichinhos maravilhosos, numa época em que NINGUÉM poderia imaginar alguma coisa tão monstruosa como o PLANO CRUZADO II.

C.Q.D.
Pode ser que alguns companheiros achem que o que eu vou dizer aqui, não seja muito apropriado, afinal não somos idiotas:

Bem, isso é muito relativo...

De qualquer maneira, quero dar a minha contribuição informando que uma das coisas básicas em guardar e catalogar assuntos, deve começar SEMPRE, com NÚMEROS e depois LETRAS, assim, no meu arquivo geral de FC, as informações começam por 007 (James Bond) e terminam com 1.000.000 A.C. (o filme que lançou Raquel Welch). Passando por todos os números utilizados em filmes que tem alguma coisa de FC como 1984 e 2001...

A seguir, devem vir os nomes por ordem alfabética, primeiro em Português, porque estamos no Brasil, e eu tenho como regra eliminar os artigos, preposições e pronomes. Se alguém quiser se basear nisso, ótimo. Quem já souber disso, desculpe, mas eu SEI que existem companheiros que NÃO SABEM.

Por último é bom rotular todos os trabalhos, com + ou com - FC.

Meu amigo CAIO LUIS CARDOSO SAMPAIO no seu "Comentando" no SOMNIUM nº 16, pg.9 expressa algumas de suas opiniões as quais me vejo obrigado a "comentar" também: O PRESTIDENTE NEGRO do Monteiro Lobato para mim é um livro de FC não só porque se passa no Século XXI, mas principalmente, porque a TECNOLOGIA é utilizada para transformar um NEGRO, num BRANCO.

Não creio que tenha lido o livro político-policial comentado, por isso nada posso dizer. Só que um exemplo típico do que EU considero político-policial é um filme chamado do THS - o qual nos mostra um mundo horrível, policiado por robôs, quase andróides.

Outro excelente exemplo de FC político-policial é o filme O ÚLTIMO BRILHO DO AMANHECER com Burt Lancaster invadindo um "Silo" e ameaçando destruir o mundo se o Presidente dos EUA não se declarar publicamente um incompetente.

Nos domínios da fantasia temos o filme "Labirinto" com o cantor David Bowie. E dizer que o LIMITE entre a FANTASIA e a FC é muito vago e mesmo subjetivo... a meu ver, caro CAIO, é uma verborragia relativa ... (SORRIA).

Classificar esses assuntos não quer dizer que tenhamos a mente fechada e dizer que to da modalidade que se circunscreve geralmente acaba por sucumbir, é outra verborragia com a qual discordo.

Porque classificar um assunto, ou vários assuntos é o que a natureza e a nossa vida dinâmica tem feito desde o começo dos tempos. Tanto que hoje em dia existem milhões de micros para nos ajudar. Aliás o nosso próprio cérebro é um computador que armazena dados, numa determinada ordem ou sequência. A vida para prosseguir EXIGE classificação e ORDEM. E não posso concordar com a idéia de que a FC virá a sucumbir só porque a estou classificando. Tanto que comecei a minha paixão pelo assunto, quando tinha 9 anos de idade. Hoje estou com 47. E meu interesse pelo assunto não está diminuindo, mas sim aumentando, e não é só graças à tecnologia aplicada ao cinema.

CRÔNICAS DO ANDRÉ

FICÇÃO CIENTÍFICA NA VIDA REAL

André Carneiro

Com aquelas clássicas excessões, que se contam nos dedos, o escritor brasileiro não é conhecido (e reconhecido) pelo público. Porisso destacamos o fato, quando acontece conosco. Logo depois que publiquei meus primeiros livros, recebi um dia uma carta de Lourenço Marques, Moçambique. Rui Castel-Branco tinha comprado meu livro e me escreveu uma carta cheia de gentilezas. Ele era comandante da aviação comercial e interessado em FC. Era inevitável cada fim de ano receber seu cartão de Natal. Um belo dia com surpresa, ele me telefona para Atibaia (onde morei até 1972). Passava pelo Brasil e queria chegar até Atibaia para me visitar. Foi o que fez, amavelmente. Depois houve a revolução em Moçambique, ele teve que partir de lá, perdendo haveres e propriedades. Mudou-se para Portugal, de onde até hoje me escreve. Na África e na Europa fez várias conferências citando a FC brasileira, porisso é justo que o lembremos aqui.

'Tales From The Planet Earth'-A Novel With Nineteen Authors, editado por Frederik Pohl e Elizabeth Hull em 1986 (com um conto meu ainda inédito no Brasil) acaba de ser publicado no Japão. Há meses, quando tive o prazer de conhecer o pessoal do clube, na reunião da Av. São Luis, fiquei muito admirado de lá encontrar sócios já de posse da edição americana capa dura. Como recebo os pagamentos de Harry Harrison, que mora na Irlanda, F. Pohl mora em Illinois e o livro foi editado em N. York, não sei bem para quem pedir um exemplar da edição japonesa. Como o CLFC tem ligações e malas espaciais secretas com o mundo todo, se alguém já viu um exemplar dessa edição japonesa estou interessado onde adquiri-la. Obrigado.

Nos anos mais negros da repressão, durante a ditadura, eu tinha uma Kombi de cor gelo, que eu gostava muito. Como motorista, alimentava aquela ilusão brasileira de ser muito bom. O fato de correr demais, naquele tempo, não considerava defeito. Eu morava em Atibaia e lá dirigia uma loja de material de construção, que herdara do meu pai. Fora isso havia meu interesse (principal) pela arte e literatura e mais um trabalho de publicitário que eu fazia semanalmente em São Paulo. Para isso eu aqui vinha uma ou duas vezes por semana. Em uma tarde (lembro-me que conversara com o Álvaro Malheiros e o Gumercindo Dorea) eu voltava para Atibaia dentro de um tráfego imenso (igual ao de hoje, quando a seleção brasileira joga as suas fatais partidas) no cruzamento da Rua Helvética com a Rua Piracicaba, na direção da antiga Estação Rodoviária, aconteceu que o farol ficou amarelo. Eu resolvi atravessar no amarelo, pensamento igualzinho ao motorista de um grande carro preto, de fabricação americana, tipo Maverick ou Galaxy, à minha esquerda, na transversal. Quando eu percebi aquela coisa preta vindo como um fantasma, girei a direção violentamente para a minha direita, de modo que o enorme carro preto bateu na minha lanterna traseira, quase do lado direito. Pausa. Se vocês já penetraram na quarta dimensão, vocês sabem o que acontece. Eu, agarrado na direção, senti que não havia mais gravidade. Um estranho ruído em minha cabeça, como se eu estivesse dentro de um tambor. Quanto tempo isso durou? Talvez de cinco a oito segundos. De repente eu estava em São Paulo novamente, alguém abrindo a porta da Kombi, assustadíssimo, "está ferido?" Não, eu não estava ferido. Foi o que eu disse com uma voz muito calma. Mais uma pequena pausa. Por ter virado a direção, o carro foi ficando quase

de frente para a calçada. Com o violento impulso dado pelo outro carro, a Kombi virou quatro vezes sobre si própria, voltando a posição normal, com os quatro pneus no chão, as laterais e o teto totalmente amolgados, vidros quebrados e eu, sem um arranhão, com o problema do que fazer, a ser resolvido nos próximos três segundos. É importante acentuar que o carro, quase atravessado na rua, rolou para a frente e não na direção da calçada, onde certamente mataria os pedestres.

Lembro-me que sacudi vidros quebrados da minha jaqueta e olhei para trás. O carro preto estava lá parado a uns vinte metros, aparentemente sem que nada de grave tivesse acontecido. O computador da minha cabeça (naquele tempo com disquetes bem primitivos), resolveu em um décimo de segundo que eu deveria partir e bem depressa. A paranóia da perseguição política era inevitável. Enfrentar policiais a me fazerem perguntas era pior do que virar o carro quatro vezes. Dei a partida, o carro funcionou lindamente, segui até a esquina e virei à esquerda na estação Sorocabana em minha frente.

Meu estado de espírito? Vocês, que já entraram e voltaram da quarta dimensão, devem saber como é. Um torvelinho de pensamentos desencontrados, o coração batendo forte, os músculos agindo automaticamente, vocês sabem... Quando alcancei a antiga Estação Rodoviária (a minha esquerda), um táxi me corta violentamente e intencionalmente. Parei cantando os pneus e quase bato novamente. Estatelado e pálido, vejo sair do táxi (vocês não vão acreditar) um oficial da Marinha, todo de farda branca, quêpi e galões.

Infelizmente não sei qual era o seu posto e isso não importa nada agora. Ele desceu do táxi, ajeitou o quêpi e começou a me tratar como se trata um marinheiro relapso, que lava o convés. Mão direita fechada, o dedo indicador esticado a um palmo do meu rosto, eu parecia o próprio subversivo prestes a receber um tapa na cara. (Uma explicação: eu usava barba comprida, tipo Che Guevara. Era o que usavam os jovens naquele tempo, sinal típico de protesto, como as mini-saias para os moralistas). O que ele dizia? Bem o fato de eu ter saído do local do "desastre" (no qual, ao que parece, eu tinha sido o único mais prejudicado), lhe parecia uma grave infração a lei. E a lei, era a farda.

Peguem no dicionário todos os sinônimos de irresponsável e delinquente, e saberão o que ele dizia. Eu, ainda sob o impacto daquela viagem na quarta dimensão, só o olhava com fixidez, calado. Nem de longe pensava em lhe responder, que eu era uma pessoa respeitável e que ele está exagerando. As dez mil variáveis que esquentavam a minha cabça resolveram optar por uma. Com uma voz bem delicada, eu olhei o banco vazio ao meu lado e perguntei inocentemente ao oficial. "Minha mulher, onde está a minha mulher?" O oficial interrompeu o seu discurso. Eu continuei, impávido. "Não sei como estou aqui e a minha mulher..." O oficial mudou de tom. "Que mulher? Não vi mulher nenhuma, você provocou o desastre e fugiu..." Olhei para ele admiradíssimo, como quem se esforça para lembrar. Bem, não vou entrar em detalhes. Eu tinha resolvido que uma amnêsia me ajudaria. Se eu não me lembrava de nada, também não era culpado de nada. Me levaram para a cabine dos guardas ao lado da Rodoviária. Me revistaram, pegaram meus documentos, fizeram perguntas que eu respondia como quem recebe um soco na cara e não está bem acordado ainda. Enquanto eu fingia, minha preocupação maior era caracterizar um diagnóstico da minha "doença". Não tinha recebido nenhum ferimento na cabeça. Logo, meu "esquecimento" devia ser um golpe traumático psicossomático. Eu era obrigado a definir minha "doença", para o caso de me levarem para um hospital. Por isso eu deveria dosar minhas reações para não cometer uma gafe científica.

Fiquei duas horas fingindo naquela cabine. O oficial foi embora logo. Se o marinheiro do convés está louco não adianta gritar com ele. Os guardas, ingênuos como os pais que falam entre dentes perto dos filhos pequenos, pensando que eles não percebem, disseram entre si: "O outro lá não deu queixa, temos que deixar o cara partir". Foi o que fizeram, cúmulo da irresponsabilidade. Deram-me as chaves, com algumas ameaças (de praxe) e deixaram o louquinho sem memória ir embora com aquela Kombi bombardeada.

Como faço sempre, chegando em casa poupei minha mulher da história verdadeira, só confessada oito anos mais tarde. Disse que um manobrista irresponsável tinha espatifado meu carro. Consultei um advogado no dia seguinte, mas não foi preciso mais nada. O outro carro não deu queixa, ficou tudo por isso mesmo.

Vocês perguntarão agora: "Tem alguma FC nessa estória?" Claro que tem. Minha "amnêsia" tinha que ser elaborada de maneira científica, para prevenir uma "investigação" mais rigorosa. Portanto essa era a minha "ficção científica na vida real".

A TRADUÇÃO ANALISADA

AS CANÇÕES DA TERRA DISTANTE

Fábio Fernandes

Título Original : The Songs of Distant Earth

Autor : Arthur C. Clarke

Ano de lançamento no exterior : 1986

Edição original utilizada : Pocket da Del Rey, 1ª Edição, 1986

Edição traduzida utilizada : Nova Fronteira, RJ, 1ª Edição, 1986

Tradutor : Jorge Luiz Calife

Os amigos que me perdoem, mas este mês estou sem inspiração. Esses dias foram péssimos para mim, e isso reduziu bastante, quase anulou, minha capacidade de cavucar erros e massacrar tradutores. Some-se a isso a leitura de um livro que, se não é mal traduzido, bem escrito também não é. Mas a crítica do livro propriamente dito não é minha função, deixo-a para quem queira. Vamos de uma vez à tradução.

Acredito que o tradutor, Jorge Luiz Calife, seja o mais indicado para traduzir obras de Clarke: além de colaborar para a criação de 2010 com um conto seu, está publicando atualmente, pela Nova Fronteira, uma trilogia de sua autoria, nos mesmos padrões do conhecido escritor inglês. A afinidade entre as obras é muito grande...

Descuidos de revisão (Ó, Deus de Misericórdia, sempre a revisão!) na página 20, Kumar fala de uns tais motoristas, que depois aparecem com seu verdadeiro nome; são os Nortistas, habitantes da Ilha do Norte. Acrescente-se a isso a história dos barquinhos: o tradutor coloca a palavra caiaque na página 105 e caïque na 112. Decida-se, por favor: ninguém gosta de brincar de escolher palavras. Isto é um livro, não um jogo.

Ah, e também tem a questão da cronologia. Por Shaitan! Confesso que não a entendi nem mesmo no original. E se o tradutor comete uma confusão, então... Foi o caso; a relação de idades é: thalassiano de 20 anos/ terrestre de 21; calendários: 3109 TT é Tempo Terrestre, e 718 é Tempo Thalassiano, coisa que a tradução não explica. É o que eu digo: se o autor quisesse deixar essa proposição obscura, ele mesmo teria feito isso. Mas no original a diferença está bem clara.

Para fechar com chave de ouro, o erro supremo: leiam a página 82, ó leitores furibundos e indignados como este que vos escreve! O Deputy Captain, ou Imediato, aqui torna-se comandante-deputado. Um político entrou de gaiato na Magalhães, e, diga-se de passagem, sem o conhecimento do próprio autor! Aqui é preciso que eu seja honesto: estive com o tradutor há uns meses atrás, e ele comentou, também indignado, que este erro não foi ele quem cometeu: ele traduzira o termo como segundo-em-comando e o imbecil do revisor (palavras minhas) decidiu fazer-lhe um favor, adulterando uma edição que ainda se encontra à venda (ainda não saiu outra edição). O próprio tradutor fez uma crítica a esse erro numa edição de dezembro de 1986 do Jornal do Brasil.

Enfim, erros existem, e são dos mais relevantes. Mas, como eu disse no começo (e para não deixar o ar tão carregado), Calife se afina com Clarke: os diálogos e os pensamentos das personagens, bem como a narrativa no todo, foi traduzida no estilo do próprio autor. A leitura é possível.

POCKETS EM REVISTA

THE TIDES OF TIME

Jonh Brunner - 1984 - Del Rey Books - 235 pags.

Sérgio Fonseca de Castro e José dos Santos Fernandes

O livro é dividido em 14 partes: um prólogo, 12 capítulos e o epílogo.

A leitura do prólogo tende a sobressaltar um pouco o leitor pois sua página e meia é completamente hermética e sugere ser o livro uma leitura pesada e cheia de experimenta

lismos. Aos mais afoitos aconselhamos que não tentem ler o epílogo na esperança de diminuir seus receios pois este também segue o mesmo esquema do prólogo e fatalmente fará os menos corajosos desistirem de conhecer este novo romance de John Brunner, o que seria lamentável. "THE TIDES OF TIME" é um livro para ser lido da página 1 à página 235, ordenadamente e com confiança.

À primeira vista, o livro tem a estrutura de um "fix-up" pois seus 10 primeiros capítulos parecem ser histórias diferentes o que, numa análise mais profunda, não se confirma. As histórias, embora diferentes em seus conteúdos e mesma época em que se passam, têm vários pontos em comum. Os dois personagens centrais são sempre os mesmos: Eugene e Anastasia, todas tem como cenário físico a mesma praia em uma pequena ilha grega chamada Oragalia, existe sempre a presença de um barco no contexto da história e de um terceiro personagem, que varia de capítulo para capítulo, e que permanece um mistério até as últimas páginas do livro. O que muda de uma história para outra é a época, havendo um fluxo temporal inverso, caminhando o livro, a cada capítulo, sempre mais para o passado, até o 10º episódio.

Dentro de cada história existe também um ponto de ligação com a história seguinte, sob a forma de um artefato do passado encontrado na praia pelo casal de protagonistas, e o fato mais desnordeante do romance: a gravidez de Anastasia que evolui, enquanto as histórias regressam cada vez mais para o passado.

Por esta análise da estrutura do romance pode-se continuar tendo a impressão de um livro pesado e hermético, mas isto não é verídico. Brunner, com toda sua maestria, consegue escrever, embora com uma estrutura arrojada, histórias cativantes e suaves. A narrativa flui de maneira leve e prende o leitor até o fim sem cansá-lo. E aqueles que confiaram no autor são recompensados nos capítulos 11 e 12, onde toda a trama do romance é analisada pelos personagens principais, e tudo que antes era hermético se torna cristalino. O livro se revela um interessantíssimo estudo psicológico do complexo de rejeição elevado à sua máxima expressão e da maneira como o ser humano teria que lidar com ele nestas circunstâncias. Toda a angústia e toda a luta de Eugene e Anastasia a través do romance se mostram extremamente pungentes e belas ao mesmo tempo.

"THE TIDES OF TIME" é um livro especialmente recomendado aqueles que gostam de romances de F.C. dita "soft", ligados à análise das reações humanas, embora seja tão bem escrito e a idéia tão boa que dificilmente deixará de agradar também aos fãs da chamada "Hard S.F."

COLECIONANDO

A COLEÇÃO ASTERÓIDE

Ruby F. Medeiros e Caio Luiz C. Sampaio

A idéia de se editar esta secção veio lá dos pampas, através do nosso colega RUBY(18), e acabou desembocando na secção que agora iniciamos.

Um dos problemas que mais nos está afetando, quanto às obras de FC, parece ser o da falta de informações concretas quanto ao que saiu em cada coleção, já que muitas são pouco conhecidas, ou já pararam há tempos, ou ainda quais foram as obras que realmente foram editadas e quais são foram previstas e, por razões várias, acabaram não saindo. Outro problema refere-se à normatização bibliográfica, para que possamos falar a mesma linguagem, o que evitará equívocos, em especial na hora das trocas, com a criação de uma "codificação geral", tema este que, por iniciativa do NASCIMENTO (1), está em organização, recorrendo-se à colaboração de vários colegas para tentar ser a mais completa possível.

Voltando ao primeiro item, a solução definitiva será aguardar a edição da BÍBLIA DA FC (ou "QUEM É QUEM" nº 3); enquanto isto não ocorre, nos propomos mensalmente a nos referir a uma coleção, com os dados bibliográficos.

Como não nos julgamos infalíveis, nem donos da verdade, se acontecer você possuir uma obra de uma coleção citada, que não tenha figurado na lista editada, nos mande a ficha bibliográfica da mesma que, com prazer, publicaremos sua contribuição com agradecimentos inclusive de nossos arquivos.

Finalmente agradecemos ao colega WELLINGTON (71) pela colaboração.

A EDITORA SABIÁ foi idealizada por um grupo de escritores nacionais, como editora independente, dados os problemas de se editar um livro nas editoras tradicionais da época. Para sede, foi escolhido o Rio de Janeiro.

Em 1.970 resolveram incluir em suas publicações uma série sobre F.C., surgindo assim a série "ASTERÓIDE", identificada pelo símbolo do sabiá de bico aberto, cantando e sobre um apoio; posteriormente, o sabiá vai fechar o bico e perder o apoio.

As obras, de autores renomados, continham inclusive, nas contra-capas e orelhas, informações bibliográficas interessantes.

A partir do nº 8, com a compra da SABIÁ pela JOSÉ OLYMPIO EDITORA S.A., surge o logotipo da nova editora, e as obras mantêm o mesmo estilo, como Edições Sabiá, Coleção Asteróide. A partir do nº 10 desaparece o nome "Sabiá", ficando apenas o símbolo e, no número 13, desaparece definitivamente o "Sabiá", ficando apenas "Coleção Asteróide". Este volume marca também a interrupção da série Asteróide, com a concordata pedida pela José Olympio, que acaba nas mãos da multinacional XEROX.

Durante quase uma década a coleção fica interrompida, só voltando em 1985 com o mesmo título "Coleção Asteróide", um novo logotipo e sem numeração. Em 1986 sai outra obra. Em 1987 não nos consta a edição de outras obras.

COLEÇÃO ASTERÓIDE - Edições Sabiá (Ed. José Olympio) - Obras em formato 14 x 21 cm em brochura. A seguir relacionamos número, título nacional, título original, autor, ano de publicação no Brasil e número de páginas.

1. AS CASAS DE ARMAS The Weapon Shops of Isher A. E. Van Vogt	1970	203	9. O OUTRO PÉ The Other Foot Damon Knight	1974	144
2. O HOMEM DO CASTELO ALTO The Man in the High Castle Philip K. Dick	1971	305	10. NÃO TEMEREI O MAL I Will Fear no Evil Robert A. Heinlein	1974	329
3. O REI DAS ESTRELAS The Star Kings Edmond Hamilton	1971	219	11. DIA MILHÃO Day Million Frederik Pohl	1975	177
4. O HOMEN SINTÉTICO The Synthetic Man Theodore Sturgeon	1971	189	12. SOU UM POVO CIUMENTO Gods and Golems Lester Del Rey	1975	212
5. CARNE Flesh Philip José Farmer	1971	187	13. O SONHO DE FERRO The Iron Dream Norman Spinrad	1976	248
6. SOLARIS Solaris Stanislaw Lem	1971	197	[14] OS TRES ESTIGMAS DE PALMER ELDRITCH The Three Stigmata of Palmer Eldritch Philip K. Dick	1985	216
7. BILL, HERÓI GALÁTICO Bill, The Galactic Hero Harry Harrison	1972	177	[15] A ÓRBITA EM ZIGUEZAGUE The Jagged Orbit John Brunner	1986	321
8. O SER ASSASSINO The Killer Thing Kate Wilhelm	1973	159			

A Editora José Olympio possui uma outra obra de FC, editada na coleção Cadeira de Balanço [12] : O CÉREBRO ASSASSINO (Hauser's Memory, Curt Siodmak, 1969, 156 pp).

1987 HUGO AWARDS

Acreditamos que, mais uma vez em primeira mão, estamos divulgando o resultado do HUGO para satisfação de todos os fãs de FC e com um número significativo de detalhes. Os prêmios foram entregues na tarde de domingo, 30 de agosto último, no Brighton Centre em Brighton, Inglaterra. A cerimônia fez parte das atividades da ConSpiracy, a 45ª World Science Fiction Convention, transcorrida no período de 27 a 31 de agosto, e que reuniu nada menos que 5000 participantes em suas diversas atividades. A colocação final e os vencedores nas diversas categorias do 1987 Science Fiction Achievement Awards, mundialmente conhecidos como **HUGO**, foram respectivamente :

NOVEL

1. Speaker For The Dead
Orson Scott Card
2. The Ragged Astronauts
Bob Shaw
3. Count Zero
William Gibson
4. Marooned In Real Time
Vernor Vinge
5. Black Genesis
L. Ron Hubbard

NOVELETTE

1. Permafrost
Roger Zelazny
2. Thor Meets Captain America
David Brin
3. The Winter Market
William Gibson
4. Hatrack River
Orson Scott Card
5. The Barbarian Princess
Vernor Vinge

JOHN W. CAMPBELL AWARD

1. Karen Joy Fowler
2. Lois McMaster Bujold
3. Katharine Eliska Kimbriel
4. Rebecca Brown Ore
5. Leo Francowski

DRAMATIC PRESENTATION

1. Aliens
2. Star Trek IV
3. The Fly
4. Little Shop of Horrors
5. Labyrinth

PROFESSIONAL ARTIST

1. Jim Burns
2. Frank Kelly Freas
3. Don Maitz
4. Barclay Shaw
5. Tom Kidd

SEMI-PROZINE

Locus, Interzone, SF Chronicle
SF Review

NOVELLA

1. Gilgamesh In The Outback
Robert Silverberg
2. Escape From Kathmandu
Kim Stanley Robinson
3. "R&"
Lucius Shepard
4. Spice Pogrom
Connie Willis
5. Eifelheim
Michael Flynn

SHORT STORY

1. Tangents
Greg Bear
2. Robot Dreams
Isaac Asimov
3. The Boy Who Plaited Manes
Nancy Springer
4. Still Life
David S. Garnett
5. Rat
James Patrick Kelly

NON-FICTION BOOK

1. Trillion Year Spree [Aldiss & Wingrove]
2. The Dark Knight Returns [Frank Miller]
3. Industrial Light and Magic [T.G. Smith]
4. Science Fiction in Print 1985 [Brown]
5. Only Apparently Real [Paul Williams]

PROFESSIONAL EDITOR

1. Terry Carr
2. Gardner Dozois
3. David Hartwell
4. Ed Ferman
5. Stanley Schmidt

FAN ARTIST

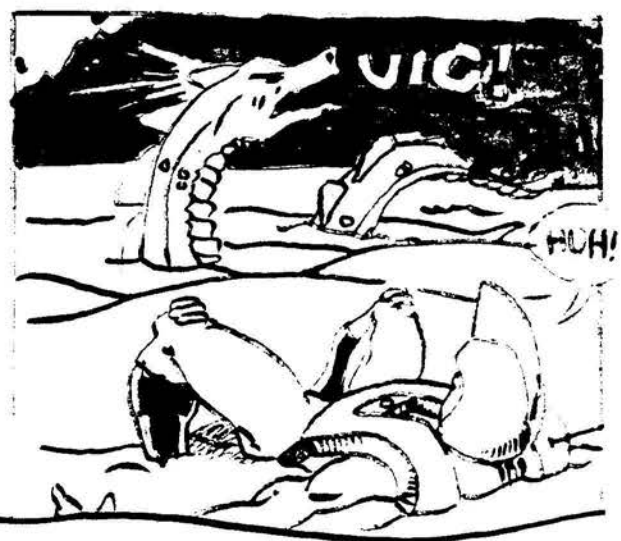
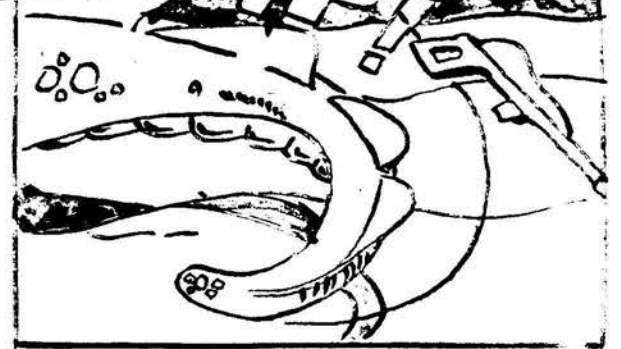
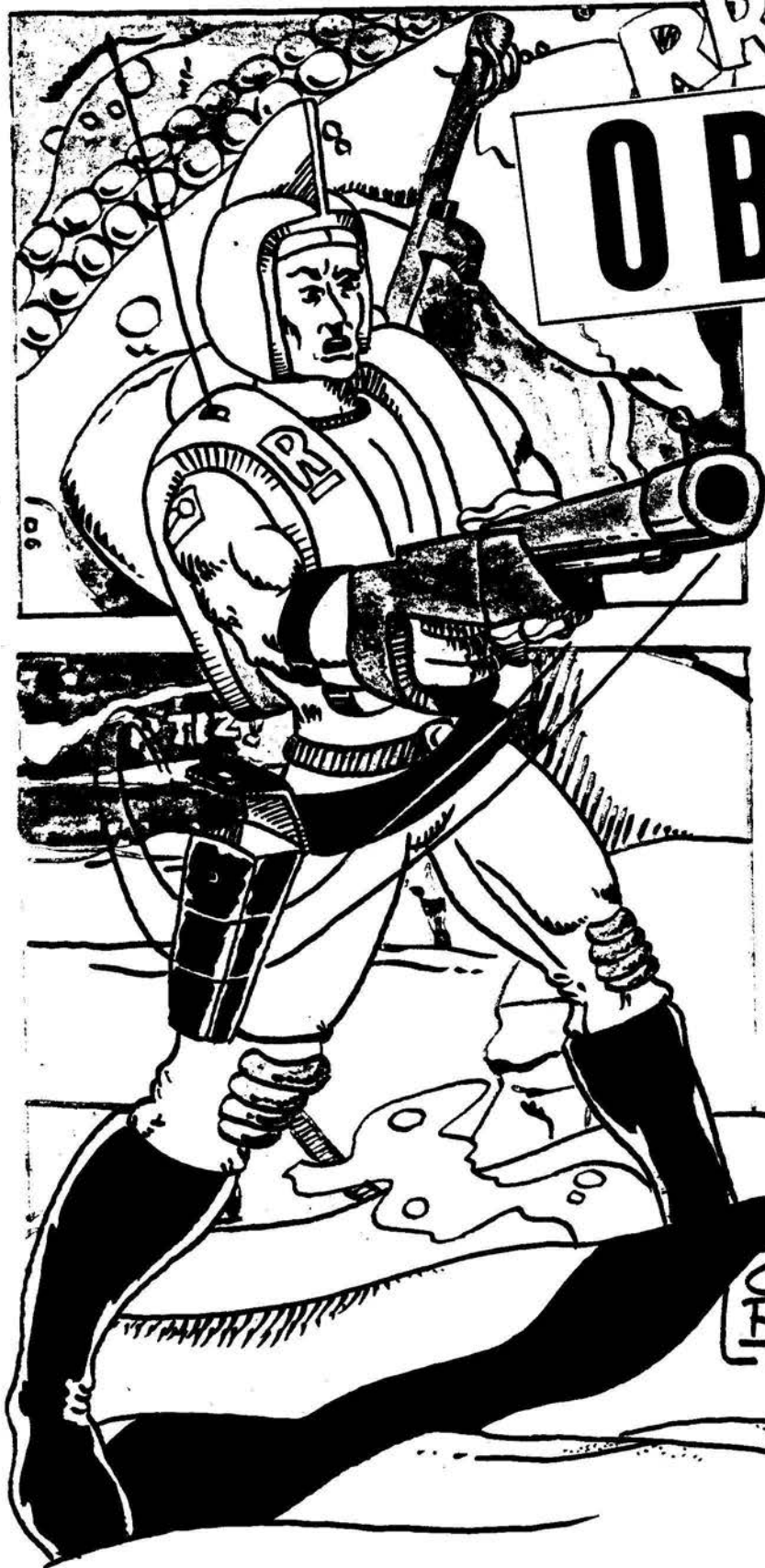
1. Brad Foster
2. Arthur ATom Thomson
3. Stu Shiffman
4. Taral
5. Steve Fox

FANZINE

Ansible, File 770, Lan's Lantern,
Texas SF Inquirer, Trapdoor

RRRRR

O BATEDOR



TO
-O
CE

**QUAL
O PREÇO
DA UTOPIA ?**



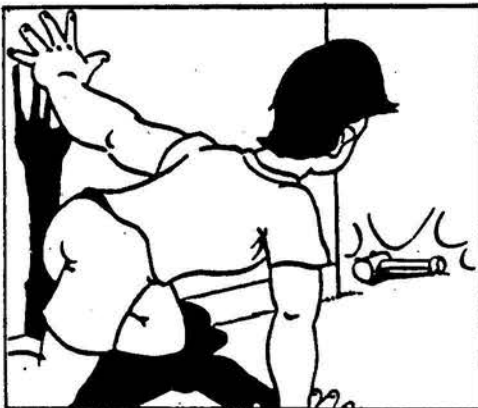
CE
RI
TO

2000

BATEDOR - ATIVIDADE NOBRE, MAS PERIGOSA, RESERVADA APENAS AOS **ANDRÓIDES**.

NÃO É PERMITIDO A NENHUM **HUMANO** TAREFAS COMO DIRIGIR OU MESMO POSSUIR NAVES ESPACIAIS DE QUALQUER TAMANHO...

...BEM COMO PORTAR ARMAS OU QUALQUER MATERIAL MORTAL.



OS HUMANOS NÃO DEVEM TRABALHAR EM SERVIÇOS QUE EXIJAM VIGOR FÍSICO OU INTELLECTUAL. TAIS SERVIÇOS SERÃO EXECUTADOS POR ANDRÓIDES.

QUALQUER INFRATOR SERÁ SEVERAMENTE PUNIDO.

